

# economia

## IA será diferencial profissional, diz Mauro Bellini

Para o presidente do Conselho de Administração da Marcopolo, bom uso da tecnologia trará vantagem competitiva

### / DESENVOLVIMENTO

Gabriel Margonar  
gabrielm@jcrs.com.br

A Inteligência Artificial (IA) não vai substituir todos os empregos, mas pode ampliar a vantagem de quem souber utilizá-la. A avaliação foi feita pelo presidente do Conselho de Administração da Marcopolo e do Banco Moneo, Mauro Bellini, durante mais uma edição do projeto Lideranças e Perspectivas, promovido pela Associação Ir. Norberto Rauch, na Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), semana passada.

Ao compartilhar experiências acumuladas ao longo de décadas na indústria e na governança corporativa, Bellini destacou que a IA já produz impactos concretos nas organizações e deve acelerar transformações nos pró-

ximos anos. “Você não perderá seu emprego para a Inteligência Artificial. Você perderá seu emprego para alguém que saiba utilizá-la melhor do que você”, afirmou ao responder uma das perguntas do público - composto majoritariamente por estudantes do curso de Economia da Pucrs.

O empresário citou uma visita recente a uma gigafábrica da Tesla, no Texas, para ilustrar os limites e as possibilidades da automação. Segundo ele, embora boa parte dos processos produtivos já seja realizada por robôs, diversas etapas ainda dependem fortemente do trabalho humano. “Se o Elon Musk mantém pessoas em determinadas atividades, é porque os cálculos mostram que, neste momento, o ser humano continua sendo mais eficiente”, observou.

Ao longo da palestra, Bellini também apresentou a trajetória da gaúcha Marcopolo, fundada

em 1949 e hoje presente em diversos países. A companhia, nascida em Caxias do Sul, registrou cerca de R\$ 9 bilhões em receita no último ano, produziu aproximadamente 15 mil ônibus e mantém cerca de 15 mil colaboradores em suas operações globais.

Formado em Engenharia Mecânica pela Pucrs, ele lembrou que optou por construir experiência profissional antes de ingressar na empresa da família. Após atuar em consultorias, passou por diferentes áreas da Marcopolo, incluindo produção, finanças, marketing e exportação, até assumir funções ligadas à expansão internacional da companhia.

Uma das experiências mais marcantes relatadas pelo executivo foi o período de dez anos em que viveu na África do Sul, onde participou da criação da operação local da Marcopolo. Conforme Bellini, a convivência com uma sociedade que ainda enfrentava

os efeitos recentes do apartheid modificou sua visão sobre temas sociais e de inclusão.

“Foi lá que percebi que algumas desigualdades não se resolvem apenas esperando o tempo passar. Sem mecanismos que acelerem esse processo, elas podem levar gerações para diminuir”, refletiu.

Governança corporativa também esteve entre os principais temas da conversa. Bellini contou que a adoção de regras mais rígidas pela Marcopolo levou ao encerramento da operação que mantinha na África do Sul e ao seu retorno ao Brasil. A decisão fazia parte de uma estratégia para evitar potenciais conflitos de interesse entre familiares dos controladores e a companhia. Desde então, sua atuação passou a estar concentrada nos órgãos de governança da empresa, especialmente no Conselho de Administração e em comitês estratégicos. Questio-

nado sobre os desafios para o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul, Bellini foi incisivo ao apontar a principal prioridade do Estado. “Logística, logística e logística”, resumiu. Para ele, a distância dos grandes centros consumidores e fornecedores aumenta os custos das empresas gaúchas e reduz a competitividade da produção local.

O encontro também abordou temas como sucessão em empresas familiares, inovação, internacionalização de negócios e aprendizado contínuo. Bellini defendeu que executivos e estudantes mantenham uma postura permanente de atualização diante das rápidas mudanças tecnológicas.

“Eu me considero um lifelong learner [aprendiz ao longo da vida]. As grandes inovações costumam surgir justamente quando conseguimos conectar conhecimentos de áreas diferentes”, finalizou.

## Dirigente da Marcopolo avalia desafio de manter uma indústria no RS: ‘é mais difícil’

Os desafios históricos da indústria gaúcha, agravados pelos altos custos logísticos e pela distância dos principais mercados consumidores do País, seguem exigindo das empresas do Rio Grande do Sul um esforço adicional para manter a competitividade.

Para Mauro Bellini, fatores como o custo Brasil, a escassez de mão de obra e as limitações da infraestrutura de transporte tornam o ambiente de negócios ainda mais complexo para quem produz no Estado. O industrial destaca que a cultura de trabalho

da população gaúcha tem sido decisiva para superar essas dificuldades e impulsionar empresas locais ao cenário global. O dirigente também avalia o momento positivo da Marcopolo, impulsionado pelo avanço do transporte coletivo sustentável, e comenta as perspectivas de expansão internacional da companhia, incluindo oportunidades ligadas ao acordo entre Mercosul e União Europeia.

**Jornal do Comércio - Como o senhor avalia o momento vivido pela Marcopolo?**

**Mauro Bellini** - Estamos vivendo um momento bastante positivo. Acreditamos que o futuro passa pelo fortalecimento do transporte coletivo. Não há espaço para um crescimento indefinido do número de carros nas cidades. Também estamos muito alinhados às questões de sustentabilidade. Hoje contamos com ônibus elétricos, que contribuem significativamente para a redução das emissões. Vemos essa demanda crescer cada vez mais. Na Europa, por exemplo, praticamente não há cidade que não esteja investindo em ônibus elétricos. Estamos acompanhando esse movimento e aproveitando as oportunidades que ele oferece.

**JC - O acordo entre Mercosul e União Europeia, visto por muitos como o grande anúncio para a indústria brasileira em 2026, impacta de alguma forma os negócios da Marcopolo?**

**Bellini** - Hoje não há um impacto direto, porque não realizamos vendas diretas para a Europa. No entanto, já estamos avançando nesse mercado. Participamos da última feira de Bruxelas, em 2025, e firmamos um acordo com a Volvo na Europa, por meio do qual passaremos a fornecer produtos fabricados aqui. No médio prazo, um acordo comercial dessa natureza pode contribuir para ampliar

as exportações e facilitar o fornecimento de produtos produzidos no Brasil para o mercado europeu.

**JC - Já existe uma previsão para o início efetivo das operações com a Volvo?**

**Bellini** - O projeto já está em andamento, mas ainda estamos na fase de produção de protótipos. Neste momento, não há uma previsão definida para o início das operações em escala comercial.

**JC - Quais são os principais desafios para uma indústria gaúcha atualmente?**

**Bellini** - Além dos desafios enfrentados por empresas de todo o Brasil, como a escassez de mão de obra e o chamado custo Brasil, que é muito elevado, o Rio Grande do Sul tem uma dificuldade adicional relacionada à logística. Estamos na extremidade do País: a maior parte das matérias-primas vem da região central do Brasil para cá, enquanto muitos dos nossos clientes estão justamente naquela região. Portanto, além dos custos nacionais, enfrentamos um importante desafio logístico, que é um dos maiores obstáculos para as empresas gaúchas.

**JC - É mais difícil manter uma indústria no Rio Grande do Sul?**

**Bellini** - Sem dúvida. Aqui precisamos nos esforçar mais. Como dizem os americanos, we

try harder. Temos de trabalhar mais para superar as dificuldades. Por outro lado, contamos com uma população extremamente trabalhadora, o que ajuda muitas empresas gaúchas a alcançarem sucesso em nível mundial.

**JC - E em relação à Serra Gaúcha? Quais desafios e oportunidades o senhor enxerga para o desenvolvimento industrial da região?**

**Bellini** - A Serra está inserida nesse contexto do Rio Grande do Sul e também sofre com os custos logísticos. Estamos distantes dos portos e buscamos desenvolver um aeroporto que amplie a conectividade da região, reduzindo a dependência exclusiva do aeroporto de Porto Alegre. Além disso, não contamos com uma ferrovia adequada, e implementar ou operar um sistema ferroviário é muito caro. Isso faz com que as pessoas da Serra precisem trabalhar ainda mais para superar essas limitações. Costumo lembrar que, quando os italianos chegaram ao Rio Grande do Sul, as áreas mais planas e favoráveis já estavam ocupadas pelos alemães. Os italianos tiveram de subir a Serra, enfrentar um território mais difícil e trabalhar duro para prosperar. Acredito que essa história ajudou a formar uma cultura de trabalho muito forte na região.



Bellini analisa cenário para o setor industrial no Rio Grande do Sul

TÂNIA MEINERZ/JC